

REVOLTAS, MOTINS E REVOLUÇÕES NO BRASIL NOVECENTISTA

MARIANA DE CARVALHO DOLCI*

[Livro: DANTAS, Monica Duarte (org.). *Revoltas, Motins, Revoluções: Homens livres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo. Alameda, 2011, 570 p.]

Aqueles que foram convocados para a luta armada contra os movimentos de contestação ligados aos mais diversos motivos no Brasil do século XIX, se referiam a essas sedições como revoltas, motins ou revoluções. No sentido de entendermos a participação dos envolvidos, sejam eles os líderes ou os próprios grupos sociais, é essencial recolocá-los em seu momento histórico, a chamada historicidade, com suas características e implicações.

Através da análise cuidadosa de anais do Congresso Nacional, Assembleias Legislativas, relatórios de inquéritos policiais e processos judiciais do período imperial brasileiro,¹ os autores dos artigos do livro organizado pela historiadora Monica Dantas, demonstraram como os movimentos de contestação novecentistas tiveram ampla participação da população livre pobre e liberta.

Os três primeiros movimentos abordados na obra ocorreram quando ainda estava vigente o livro quinto das Ordenações Filipinas,

enquanto os restantes não só terminaram (como eclodiram) após a promulgação do Código Criminal do Império de 1830 e que deixou de valer apenas em 1890.² Isso significou que, enquanto não houvesse nova legislação, deveriam ser aplicadas no Brasil as leis, regimentos, alvarás e outras normas editadas pelos reis de Portugal até 1821.³ Portanto, amotinados, confederados, conjurados, sedi-ciosos, rebeldes, sublevados, traidores, etc, todos estavam sujeitos a serem condenados nas penas previstas para o crime de lesamajestade, ou seja, morte natural cruel e confisco dos bens.

O primeiro capítulo trata da Revolução de 1817, um levante contra o governo do príncipe D. João e o manifesto de um sentimento antilusitano partilhado por aqueles que aqui viviam. Denis Bernardes questiona o lugar do povo e se houve participação popular no movimento. Entende que grande parte dessa população viu nas manifestações a chance de libertá-los da escravidão ou por exemplo, a possibilidade da igualdade civil.⁴

Guillermo Palacios descreve o episódio da Pedra do Rodeador, acontecido em meados de outubro de 1820 em Pernambuco. Uma tropa de milicianos atacou e massacrou a comunidade (composta de pessoas de “extrema pobreza”) que ali aguardava o retorno do Rei D. Sebastião. O autor explica que esta manifestação é resultado da desagregação da sociedade camponesa nordestina nas décadas precedentes e que na segunda metade do século XIX entrou para a categoria de manifestação popular bizarra.⁵

Denis Bernardes também escreve o capítulo sobre a Confederação do Equador, ocorrida entre julho e setembro de 1824 e que buscou implantar uma República nas províncias que iam das Alagoas ao Pará. Interessante que muitos dos participantes que estiveram juntos em 1817, inclusive nos processos e prisões, em 1824 lutavam armados em lados opostos.⁶ Em certo momento do levante houve apoio de um grande

contingente de escravos, ex-escravos, soldados de cor e da gente pobre do Recife e arredores, sem contar com o famoso Frei Caneca.⁷

A Cabanada ocorreu em Pernambuco e Alagoas entre 1832 e 1835. Segundo Marcus de Carvalho, o que mais encanta os estudiosos da rebelião é que ela congregou índios, escravos fugidos, posseiros, proprietários rurais e seus dependentes, lutando pela volta de Pedro I ao trono do Brasil.⁸ Já a Cabanagem foi um dos mais importantes movimentos sociais ocorridos no país e o maior de toda a história da Amazônia, estendendo-se de 1835 a 1840. Luís Pinheiro elucida que, como movimento de massas, foi notável pela sua duração, abrangência e radicalização, onde toda a população do norte do país foi mobilizada, participando ativamente dos protestos e lutas contra as múltiplas formas de opressão vigentes no Grão Pará.⁹

Motivada pelos interesses privados de uma oligarquia fundiária importante para o comércio do Brasil Império, a Guerra dos Farrapos gerou uma luta de 10 anos (1835-1845) no Rio Grande do Sul. Para César Guazzelli, por se tratar de um movimento elitista, não havia quaisquer propostas que atendessem às reivindicações populares. A participação de homens livres, brancos ou indígenas que provinham de estâncias de criação pode ser explicada por uma relação de dependência com os proprietários. No caso dos escravos, prestar serviço militar tinha como objetivo a possibilidade da alforria.¹⁰

Em Salvador, os chamados rebeldes exaltados e oficiais do Exército e das milícias, mobilizaram milhares de homens e sobreviveram a um cerco de quatro meses (novembro de 1837 a março de 1838) pelo exército imperial: era o movimento conhecido como Sabinada. Hendrik Kraay diz que determinar a cor dos indivíduos ativos no levante é quase impossível, pois o Código do Processo Criminal não exigia que o acusado a declarasse durante o interrogatório, mas expõe que há fortes evidências sobre a participação dessa população de cor de Salvador nas

batalhas.¹¹ Este fato esclarece que a rebelião foi bem diferente daquela que os líderes conservadores esperavam.

Matthias Assunção explica que a Balaiada (1838-1841), uma guerra civil que devastou as províncias do Maranhão, Piauí e parte do Ceará, é uma conjunção de dois processos: um socioeconômico e outro político.¹² Esta foi uma rebelião socialmente heterogênea e descentralizada, onde se alistaram fazendeiros, vaqueiros, camponeses e escravos.¹³

A “Revolução Liberal” de 1842 foi a tomada de armas pela elite liberal paulista e mineira descontente com o encaminhamento político pelo governo conservador encarnado no Ministério de 23 de março de 1841 e responsável pela aprovação das Leis da Reforma do Código do Processo Criminal e do Conselho de Estado, tidas como “leis opressoras”.¹⁴ Essas são as palavras de Erik Hörner, que se propõe a analisar as relações que ofereceram o elemento humano que desafiou o poder do Estado.

Marcus Carvalho e Bruno Câmara escrevem sobre a Rebelião Praieira (1848-1850), uma desastrosa tentativa de tomar o Recife e derrubar o presidente da província, que marcou a queda do movimento armado e esmagou o Partido Praieiro. Os autores explanam sobre o fato do movimento fechar o ciclo das rebeliões liberais do Nordeste com uma derrota da oposição à oligarquia que tinha vencido a disputa pelo poder na província durante a Independência.¹⁵ Fato interessante é que a leitura dos *Autos do Inquérito da Insurreição Praieira* comprova a heterogeneidade dos participantes do levante, como inúmeros homens livres pobres, a chamada “gente comum”.¹⁶ A repressão aos praieiros marcou a consolidação do Império.¹⁷

Entre 1851 e 1852, houve resistência popular contra o Decreto 789 ou a “lei do cativo” em Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Sergipe e Ceará. Segundo Maria Luiza de Oliveira, para os homens pobres, o motivo era evitar a qualquer custo a escravidão e, mais do que isso, é

preciso entender o cotidiano destes e dos libertos em meados do século XIX no Brasil.¹⁸ Essa revolta ficou conhecida como Ronco da Abelha ou Guerra dos Marimbondos.

João José Reis refletiu a respeito de duas manifestações populares acontecidas em Salvador em meados do século XIX: a primeira, uma greve de ganhadores escravos e libertos (ex-escravos), em 1857 e a segunda, um movimento contra a carestia, conhecido como Carne sem Osso e Farinha sem Carçoço, em 1858.¹⁹ Aproximadamente durante dez dias do mês de junho de 1857, os chamados ganhadores de Salvador fizeram uma greve em protesto contra uma postura municipal que visava disciplinar o tipo de trabalho de rua que eles faziam. Já no ano seguinte, uma multidão ocupou a praça do Palácio, no centro da cidade, para protestar contra o governo da província pela revogação de uma postura que visava controlar o preço dos alimentos. O autor aponta que em 1857, os grevistas estavam contra o poder municipal e, em 1858, a favor.²⁰

No fim de 1874 e início de 1875, o Imperador d. Pedro II estava no poder quando, nas suas próprias palavras, descreve o ocorrido:

(...)bandos sediciosos, em geral movidos por fanatismo religioso e preconceitos contra o sistema métrico decimal, assaltaram as povoações, destruindo arquivos de algumas repartições públicas e padrões dos novos pesos e medidas.²¹

Luciano de Lima elucida que esse movimento ficaria conhecido posteriormente como Revolta ou Sedição do Quebra-Quilos, um movimento social e político que atingiu diversas localidades e envolveu direta ou indiretamente milhares de pessoas em quatro províncias no norte do Império: Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Alagoas.²² Porém, a repercussão foi de caráter nacional. O autor aponta que algumas das medidas decretadas pelo Estado Imperial ficaram seriamente comprometidas devido à ação popular e que essa tradição de

resistência acabou contribuindo para o desmoronamento da ordem escravista e monárquica.²³

Os primeiros dias do ano de 1880 foram marcados por atos de revolta no Rio de Janeiro. Comícios públicos protestavam contra o imposto de um vintém sobre as passagens dos bondes urbanos e acabaram em violência nas ruas. Sandra Graham explica que o confronto armado entre os manifestantes e as autoridades persistiu por umas poucas horas somente, mas o Motim do Vintém marcou a vida política da cidade e do Império.²⁴ Os participantes do comício parecem ter sido pessoas alfabetizadas, decentemente trajadas e de rendimentos modestos mas regulares ou burocratas assalariados. Graham elucida que, em contraste marcante, os responsáveis pelas agitações de 1º de janeiro foram identificados, na época, como membros “da classe baixa da população”, ou como “pessoas de pouca importância.”²⁵ A autora aponta que o Imperador confidenciou à condessa de Barral em 2 de janeiro de 1880: “Creio que as desordens não tem caráter político”²⁶ e concluiu dizendo que ele não poderia estar mais equivocado.²⁷

Monica Dantas escreve o Epílogo analisando aspectos de todos os levantes e apontando suas semelhanças e diferenças. Aponta que a participação popular variou de movimento para movimento: em quatro deles, a interação da população livre pobre e liberta deu-se por meio de seu engajamento na rebelião para lutar sob as bandeiras e ordens da elite responsável por sua deflagração – 1817, a Confederação do Equador, a Farroupilha e a Revolta Liberal de 1842. Os outros seis, o que começara sob a liderança, em decorrência ou sob inspiração dos discursos de grupos políticos de elite transformou-se (como foi a Balaiada), numa rebelião popular (por falta de outro termo, como diz a autora), com a expressão de demandas específicas e a formação de lideranças saídas de seu próprio interior (Pedra do Rodeador, Guerra dos Cabanos, a Cabanagem, a Sabinada e a Praieira). Temos também as sedições ou

motins em que a população pobre e liberta foi, desde o início, personagem principal dos acontecimentos – Ronco da Abelha (ou Guerra dos Marimbondos), o Quebra-Quilos, o Motim da Carne sem Osso Farinha sem Caroço e o Motim do Vintém.²⁸

A autora questiona até que ponto esse aprendizado político da população não se fez concomitantemente à própria formação do estado brasileiro.²⁹ Continua, ao afirmar que sob diferentes bordões, é necessário assumir que praticamente todos os movimentos propunham (ou esperavam) alterações na própria sociedade em que estavam inseridos os rebeldes. A única exceção é o movimento da Pedra do Rodeador, como mostra Guillermo Palacios.³⁰

Fator indispensável para a compreensão de todas essas revoltas é recolocar a questão da população livre e escrava em parâmetros próprios do século XIX. Dantas afirma que isso não implica dizer que a relação entre senhores e escravos (pensando aqui nos grandes proprietários), fosse igual àquela travada cotidianamente entre cativos, libertos e livres pobres. No dia a dia era comum que o “convívio solidário” e a “troca social e cultural” ultrapassassem diferenças de condição jurídica, origem ou cor.³¹

Contudo, resistir à implementação de leis, não era prerrogativa apenas da parcela mais pobre da população. Setores da elite política e econômica do Império também o fizeram, em vários momentos por vias não violentas, simplesmente ignorando o que os representantes da nação haviam aprovado: por exemplo a Lei de Terras e a Lei de 1831, que abolia o tráfico africano.³²

Apesar destes fatos terem ocorrido no século XIX, o Brasil passa por um momento político em que essa discussão sobre os verdadeiros significados de revoltas, motins e revoluções vem à tona novamente. No início de junho de 2013, o preço das passagens de ônibus, trens e metrô sofreram aumento na maior parte do país, fato que causou uma comoção

social e que levou o povo às ruas para protestar, inicialmente por esse motivo e que, dias depois, por muitos outros que estão ligados ao futuro do país. No dia 6 de junho, na região central de São Paulo, uma manifestação contra o aumento do preço das passagens do transporte público na cidade acabou em confronto. O ato, organizado pelo Movimento Passe Livre, começou às 18 horas em frente ao Teatro Municipal, cerca de 2.000 pessoas (segundo informações da Polícia Militar) seguiram em passeata pelas ruas do centro. Entre as palavras de ordem, estavam “se a tarifa não baixar a cidade vai parar” e “O motorista, o cobrador: o seu salário também não aumentou.”³³

O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), e o governador do Estado, Geraldo Alckmin (PSDB), anunciaram no início da noite de 19 de junho, a redução da tarifa de ônibus (que foi realizada em coordenação com o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes (PMDB), as revogações foram anunciadas ao mesmo tempo), metrô e trem de R\$ 3,20 para R\$ 3. Outros governos também anunciaram a diminuição da tarifa. Os anúncios ocorreram após seis protestos chamados pelo Movimento Passe Livre nas últimas duas semanas, que reuniram milhares de pessoas por todo o país.³⁴ No dia 20 de junho, havia protestos marcados para mais de 80 cidades reivindicando pelos mais diversos motivos.

Notas

* Mestranda bolsista (CNPq) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Título da tese de mestrado: A patrimonialização da Inconfidência Mineira e de Tiradentes no Museu Paulista e no Museu da Inconfidência, sob orientação do Prof. Dr. Amílcar Torrão Filho. E-mail: marydolci@uol.com.br

¹ *Obra dissecada genética elitista, racista e penal do Estado brasileiro*. Disponível em: <http://ultimainstancia.uol.com.br/conteudo/livros/56/obra+disseca+genetica>

+elitista+racista+e+penal+do+estado+brasileiro.shtml. Acessado em: 14 de junho de 2013.

² DANTAS, Monica Duarte. Introdução – Revoltas, Motins e Revoluções: das Ordenações ao Código Criminal. In: DANTAS, Monica Duarte (org.). *Revoltas, Motins, Revoluções: Homens livres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo. Alameda, 2011, p. 9.

³ *Ibidem*, p.11.

⁴ BERNARDES, Denis Antônio de Mendonça. 1817. In: DANTAS, Monica Duarte (org.). *Revoltas, Motins, Revoluções: Homens livres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo. Alameda, 2011, p. 89.

⁵ PALACIOS, Guillermo. Uma nova expedição ao Reino da Pedra Encantada do Rodeador: Pernambuco, 1820. In: DANTAS, Monica Duarte (org.). *Revoltas, Motins, Revoluções: Homens livres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo. Alameda, 2011, p. 101.

⁶ BERNARDES, *op. cit.*, 2011, p. 133.

⁷ *Ibidem*, p. 145.

⁸ CARVALHO, Marcus J. M. de. Um exército de índios, quilombolas e senhores de engenho contra os “jacobinos”: a Cabanada, 1832-1835. In: DANTAS, Monica Duarte (org.). *Revoltas, Motins, Revoluções: Homens livres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo. Alameda, 2011, p. 170.

⁹ PINHEIRO, Luís Balkar Sá Peixoto. Cabanagem: percursos históricos e historiográficos. In: DANTAS, Monica Duarte (org.). *Revoltas, Motins, Revoluções: Homens livres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo. Alameda, 2011, p. 203.

¹⁰ GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Libertos, gaúchos, peões livres e a Guerra dos Farrapos. In: DANTAS, Monica Duarte (org.). *Revoltas, Motins, Revoluções: Homens livres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo. Alameda, 2011, p. 231.

¹¹ KRAAY, Hendrik. “Tão assustadora quanto inesperada”: a Sabinada baiana, 1837-1838. In: DANTAS, Monica Duarte (org.). *Revoltas, Motins, Revoluções: Homens livres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo. Alameda, 2011, p. 275.

¹² ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. “Sustentar a Constituição e a Santa Religião Católica, amar a Pátria e o Imperador.” Liberalismo popular e o ideário da Balaiada no Maranhão. In: DANTAS, Monica Duarte (org.). *Revoltas, Motins, Revoluções: Homens livres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo. Alameda, 2011, p. 299.

¹³ *Ibidem*, p. 323.

¹⁴ HÖRNER, Erik. Cidadania e insatisfação armada: a ‘Revolução Liberal de 1842 em São Paulo e Minas Gerais. In: DANTAS, Monica Duarte (org.). *Revoltas, Motins, Revoluções: Homens livres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo. Alameda, 2011, p.331.

¹⁵ CARVALHO, Marcus J. M. de.; CÂMARA, Bruno Dornelas. *Op. cit.*, 2011, p. 358.

¹⁶ *Ibidem*, p. 360.

¹⁷ *Ibidem*, p. 384.

¹⁸ OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira. Resistência popular contra o Decreto 798 ou a “lei di cativoiro”: Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Ceará, 1851-1852.

In: DANTAS, Monica Duarte (org.). *Revoltas, Motins, Revoluções: Homens livres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo. Alameda, 2011, p. 401.

¹⁹ REIS, João José. Quem manda em Salvador? Governo local e conflito social na greve de 1857 e no protesto de 1858 na Bahia. In: DANTAS, Monica Duarte (org.). *Revoltas, Motins, Revoluções: Homens livres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo. Alameda, 2011, p. 431.

²⁰ *Ibidem*, pp. 433-4.

²¹ Dom Pedro II *apud* LIMA, Luciano Mendonça. Quebra-Quilos: uma revolta popular na periferia do Império. In: DANTAS, Monica Duarte (org.). *Revoltas, Motins, Revoluções: Homens livres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo. Alameda, 2011, p. 452.

²² LIMA, Luciano Mendonça de. Quebra-Quilos: uma revolta popular na periferia do Império. In: DANTAS, Monica Duarte (org.). *Revoltas, Motins, Revoluções: Homens livres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo. Alameda, 2011, p. 452.

²³ *Ibidem*, p. 476.

²⁴ GRAHAM, Sandra Lauderdale. O Motim do Vintém e a cultura política do Rio de Janeiro, 1880. In: DANTAS, Monica Duarte (org.). *Revoltas, Motins, Revoluções: Homens livres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo. Alameda, 2011, p. 487.

²⁵ *Ibidem*, p. 495.

²⁶ Dom Pedro II *apud* GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Op. cit.*, 2011, p. 505.

²⁷ GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Op. cit.*, p. 505.

²⁸ DANTAS, Monica Duarte. Epílogo: Homens livres pobres e libertos e o aprendizado da política no Império. In: DANTAS, Monica Duarte (org.). *Revoltas, Motins, Revoluções: Homens livres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo. Alameda, 2011, p.516.

²⁹ *Ibidem*, p. 516.

³⁰ *Ibidem*, pp. 527-8.

³¹ *Ibidem*, p. 546.

³² *Ibidem*, p. 539.

³³ *Protesto contra aumento do ônibus gera conflito*. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/protesto-contr-aumento-do-preco-do-onibus-acaba-em-conflito-em-sao-paulo-7264.html>. Acesso em: 19 jun. 2013.

³⁴ *Haddad e Alckmin anunciam redução da tarifa para três reais*. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/haddad-e-alckmin-anunciam-reducao-da-tarifa-9698.html>. Acesso em: 19 jun.2013.

Data de envio: 05/07/2013

Data de aceite: 11/07/2013